



MUSEU AO VIVO



MUSEU DO ÍNDIO

Ano III

nº 08

2º Semestre/92

Funai Define mais uma Área Indígena no Ceará

Foto: Jussara Gomes



Artesã Tremembé e seu trabalho em palha de carnaúba. Pág. 4

**Museu do Índio e Fiocruz Promovem
no Rio Debate sobre Saúde,
Desenvolvimento e Povos Indígenas**



**Epidemia entre
os Tamoio, séc. XVI
Staden, Viagem
ao Brasil, 1557
Pág. 3**

Combate a Cupins no Museu do Índio

Foto: Lamônica



**Corte das árvores atingidas por cupins.
Pág. 4**

EDITORIAL

A indicação pela ONU do ano de 1993 como **Ano Internacional dos Povos Indígenas**, coincidindo com o 40º aniversário de fundação do Museu do Índio, enseja a oportunidade de o Museu se consolidar como centro por excelência de referência sobre essas populações e como local privilegiado para pesquisas e eventos com essa temática.

Projetos com vistas à recuperação física dos prédios e dos jardins, à adequação das instalações elétricas e hidráulicas, à readaptação de reservas técnicas para acondicionamento adequado do valioso acervo, à aquisição de equipamentos para modernização foram encaminhados, desde o início do ano, à Fundação Banco do Brasil e à Secretaria de Cultura da Presidência da República. É, pois, com satisfação que o Museu do Índio vê, dentre as prioridades do Ministro da Cultura, Prof. Antonio Houaiss, os cuidados com o patrimônio nacional e sua recuperação, pelo que o Museu espera receber todo o apoio necessário com liberação dos recursos solicitados.

A Secretaria de Meio Ambiente da Presidência da República já repassou recursos emergenciais para as obras de restauração do telhado do prédio central, seriamente ameaçado. A presidência da FUNAI vem, na medida do possível, direcionando recursos para a execução de obras complementares.

A restauração total dos prédios e a montagem de uma exposição permanente se constituem nos pontos prioritários do Museu que tem entre suas atribuições resguardar, refletir e divulgar informações sobre os povos indígenas brasileiros, assim como dotá-los de instrumentos para a garantia de seus direitos. Para tanto, é preciso continuar contando, e cada vez mais, com o apoio da iniciativa privada que vem se mostrando sensível, o que possibilita, neste momento, enfrentar a grande infestação de cupins que colocou em alto risco as dependências físicas, chegando mesmo a ameaçar o acervo histórico-etnográfico e bibliográfico composto por coleções de arte indígena organizadas por renomados etnólogos, como Darcy Ribeiro, Eduardo Galvão, e publicações que pertenceram à biblioteca particular do Marechal Rondon, além de documentos dos antigos órgãos que registram a história e garantem os direitos dos povos indígenas do Brasil.

O Museu do Índio, juntamente com o Museu Villa-Lobos e o Tempo Glauber, compõe um conjunto de relevante valor histórico não só do ponto de vista arquitetônico, mas, também, como centro cultural integrado em Botafogo que cumpre preservar.

Esther Caldas Bertolett Chefe da Divisão de Documentação/Museu do Índio

OPINIÃO

Tecnologia e Humanismo

Por: **Sydney Possuelo**
(Presidente da FUNAI)

Vinte anos se passaram desde a realização da Conferência de Estocolmo, quando, pela primeira vez, discutiu-se, em âmbito mundial, as questões ambientais de interesse para a humanidade. Nesse espaço de tempo, o mundo experimentou grandes avanços tecnológicos que permitiram ao homem desvendar os mistérios da vida, interferindo cada vez mais nas relações com o meio ambiente.

A Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento se deparou com desafios mais complexos, como as mudanças vivenciadas pelo homem no campo das conquistas tecnológicas e a forma de evitar que elas permaneçam divorciadas dos princípios morais e éticos.

Temos a convicção de que o simples acesso às técnicas sofisticadas, se não for levado em conta o bem comum, não resolverá os problemas que afligem a humanidade, privilegiando apenas alguns povos ou segmentos.

Nesse sentido, a participação expressiva de líderes indígenas na Conferência do Rio significou uma grande contribuição para a formulação de políticas orientadas a um melhor relacionamento entre os povos e, em especial, do homem com a terra. Os índios, que há vinte anos tiveram uma presença tímida em Estocolmo, agora compareceram às discussões dos temas que envolvem o futuro do planeta.

A Rio-92, foi, pois, um momento histórico em que pudemos refletir sobre a importância de colher os ensinamentos dessas populações quanto à forma de conviver em harmonia em sociedade e com o meio ambiente.

Expediente

Jornal Museu ao Vivo - nº 08 - Ano III
2º semestre/92

Editado pela Comunicação Social
Divisão de Documentação
Museu do Índio
Fundação Nacional do Índio

Presidente da Funai
Sydney Possuelo
Diretor do Museu do Índio
Carlos de Araújo Moreira Neto
Chefe da Divisão de Documentação
Esther Caldas Bertoletti
Jornalista:
Cristina de Jesus Botelho Brandão, reg. prof. 18.678
Consultora Técnica: Maria Elizabeth Brêa (Antropóloga)

EM FOCO

Foto: Luciano Andrade/Agência JB



Prêmio Nobel para Índia da Guatemala

Em reconhecimento ao seu trabalho em favor da justiça social e da reconciliação étnico-cultural, Rigoberta Menchu, 33 anos, índia Maia nascida na Guatemala, recebeu o prêmio Nobel da Paz 92.

A partir de 1978, Rigoberta desempe-



Foto: Roberto Faustino/Agência JB

Com a morte dos parlamentares Ulysses Guimarães e Severo Gomes, a causa indígena perde ilustres aliados. Durante os trabalhos da Constituinte, em 88, atuaram em defesa dos direitos dos índios. Em destaque, o empenho do ex-senador Severo pela demarcação do território Yanomami.

nhou papel de destaque na luta pelos direitos indígenas. Exilada no México desde 1981, foi fundadora do movimento Representação Unida de Oposição Guatemalteca (RUOB).

Cortes Ameaçam Programas da Funai

Os cortes drásticos nos recursos orçamentários da Fundação Nacional do Índio para 1992 vem comprometendo os principais programas a cargo do órgão em todo o País. Os 250 mil índios atendidos pela FUNAI sofrem hoje com as deficiências no atendimento nas áreas de saúde, educação e projetos de desenvolvimento comunitário. Ao mesmo tempo, não há recursos para acelerar o programa de demarcação das terras indígenas. De acordo com a Consti-

tuição Federal, estas áreas deveriam estar demarcadas até outubro de 1993. As estatísticas sobre o quadro de saúde das comunidades indígenas são sombrias. Só este ano já morreram cerca de 700 índios, sendo 150 Yanomami. Este grupo voltou a enfrentar o recrudescimento de doenças, como a malária e a invasão garimpeira.

(Reproduzido de *Brasil Indígena*, Funai, 1 (2), out. 92)

LIVROS/PEÇAS

Mais de 120 obras foram doadas à Biblioteca Marechal Rondon do Museu do Índio, nos últimos quatro meses, por pesquisadores e instituições nacionais e estrangeiras. O intercâmbio realizado com entidades de diferentes países enriqueceu a Biblioteca através de publicações enviadas pela Universidade de Coimbra; Musée d'Ethnographie de Genève; Rijksmuseum voor Volkenkunde de Leiden (Países Baixos); Instituto de Conservación y Restauración de Bienes Culturales de Madri e importantes títulos publicados pelo Museu Nacional, Museu Amazônico, Fundação Oswaldo Cruz entre outras.

Dos 56 periódicos recebidos em 92, a maioria é doada pelas instituições responsáveis pelas obras como *Anthropological Papers*, editada pelo Museum of Natural History de New York, *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, *Documento IWGIA* e *Boletín IWGIA* do Grupo Internacional de Trabajo de Asuntos Indígenas (Copenhague, Dinamarca),

Ciência Hoje, jornal de divulgação da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, etc.

Entre as publicações nacionais doadas destacam-se: *Grafismo Indígena e Amazônia Urgente*, de Berta Ribeiro, *Linguagem Fotográfica*, de Milton Guran, e coleção de livros da Editora CEJURP (Belém, PA).

Quatro novas coleções etnográficas fazem parte do acervo do Museu do Índio, num total de 203 peças, como cestarias, adornos, cerâmicas, armas, brinquedos, plumárias e utensílios, pertencentes aos índios Suruí (RO), Parintintin (AM), Kuikuro (Xingu), Kanela (MA) e Pankararú (PE). As coleções foram doadas pelo Prof. Carlos Coimbra Júnior, da Escola Nacional de Saúde Pública/Fiocruz, pelo antropólogo Waud H. Kracke, da Universidade de Illinois/EUA e pela Loja Artíndia, da Coordenadoria de Artesanato Indígena/Funai. Compõe também esse acervo o material coletado, recentemente, pela antropóloga do Museu do Índio, Jussara Gomes, na área dos índios Tremembé (CE).

Técnico de Laboratório: João Domingos Lamônica
Secretária: Hilda Araújo
Colaboração: Carlos Perez
Produção: Shogun Editora e Arte Ltda. (255-9494)
Diagramação e Montagem: Mário Roberto
Editoração Eletrônica: Black Star (242-3459)
Coordenação Gráfica: Jotanes Edições (242-6242)
Distribuição gratuita

Tiragem: três mil exemplares

Museu do Índio
Rua das Palmeiras, 55, Botafogo
Rio de Janeiro - RJ CEP: 22.270-070
Tels.: 285-8899 e 286-2097 - Telefax: 286-0845
Telex: 37091

MV não se responsabiliza por conceitos emitidos em matérias assinadas.

Em Debate, Saúde Indígena

Realizadas em julho e agosto no auditório do Museu do Índio, as conferências, promovidas, pelo Núcleo de Doenças Endêmicas Samuel Pessoa da Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz - Fiocruz e Museu do Índio/Funai, possibilitaram a ampliação do conhecimento sobre os problemas de saúde das populações indígenas brasileiras.

A programação continuará até o final do ano.

Mudanças Sociais e Demográficas Entre os Xavante de Mato Grosso



Fotos: Jorge de Carvalho

Por: Nancy M. Flowers (professora do Departamento de Antropologia da City University of New York)

A Dra. Nancy Flowers apresentou estudo sobre dinâmica populacional dos Xavante, realizado na aldeia Rio das Mortes, Área Indígena Pimentel Barbosa, Mato Grosso. A pesquisadora demonstrou a importância da técnica dos censos repetidos e inquéritos realizados junto às mulheres sobre suas histórias reprodutivas no estudo demográfico de populações indígenas, revelando a ocorrência de mudanças e instabilidades.

Os dados indicam que, antes dos anos 70, quando os Xavante ainda mantinham

um padrão de vida semi-nômade, a população apresentava alta taxa de fecundidade, contrapondo-se a uma relativamente baixa taxa de mortalidade infantil. Logo após o estabelecimento de contatos permanentes com a sociedade nacional, em finais da década de 50, este quadro se inverteu, chegando mesmo a comprometer a sobrevivência biológica do grupo. Mais recentemente, as tendências de fecundidade e de mortalidade infantil aproximaram-se do quadro anterior ao contato, resultando em rápido aumento da população.

Entre 1977 e 1990, a população do Rio das Mortes dobrou, passando de 249 para 446 indivíduos. Para este mesmo período, a taxa bruta de natalidade foi de 51,4/1.000 e a taxa bruta de mortalidade foi de 10,2/1.000. A taxa de mortalidade infantil foi de 73,6/1.000, valor que se aproxima da taxa nacional que, atualmente, gira em torno dos 60 por mil. Quanto à fecundidade, a Dra. Flowers chamou atenção para o fato de que todas as mulheres em idade reprodutiva do grupo tiveram pelo menos um filho e que apenas uma teve menos de quatro. A maioria das mulheres tiveram cerca de sete filhos.

Epidemias Entre os Índios no Brasil: Séculos XVI e XVII



Por: Carlos de Araújo Moreira Neto (antropólogo e diretor do Museu do Índio)

A depopulação indígena, nos dois primeiros séculos de colonização europeia, pode ser debitada não só às guerras e escravização dos índios, mas, fundamentalmente, às epidemias, provocadas por doenças infecto-contagiosas trazidas pelos europeus, que se mostraram uma forma eficaz de conquista. A esse quadro de violência e tragédia deve-se acrescentar a fome como outro fator responsável pela acelerada depopulação.

Das doenças trazidas pelos conquistadores, como varíola, sarampo, tuberculose, tifo, malária, apenas a sífilis e a febre amarela parecem ter origem no continente americano.

O grau de letalidade dessas enfermidades aumentava, em muito, devido ao processo de desorganização da vida tribal que provocava uma situação de penúria e fome.

Doenças consideradas benignas na Europa adquiriam, no novo continente, um caráter devastador. Esses efeitos foram, durante os séculos XVI e XVII, mais letais que a soma

total dos resultados das armas, da religião e da cultura geral dos europeus. A varíola, por exemplo, matou mais índios do que as armas de fogo durante a conquista do México, vitimando cerca de 3,5 milhões de pessoas.

No Brasil, o primeiro grande surto epidêmico de varíola ocorreu em 1562, na Bahia, matando milhares de Tupinambá e dizimando aldeias inteiras.

Outros surtos epidêmicos aconteceram, em alguns casos provocados pelos próprios jesuítas que, não raro, vinham para o Brasil portando doenças contagiosas como tuberculose ou outro tipo de afecção pulmonar. As cartas dos missionários são registros valiosos não só sobre os métodos usados para a catequese dos índios, mas sobre as doenças contraídas pelos "convertidos".

As moléstias de caráter venéreo, disseminadas pelo estabelecimento de intercuro sexual livre entre colonizadores e índias, constituíam outro fator de alta mortalidade.

A esse quadro de doenças diversas, de rápida dispersão, associam-se as guerras, seguidas por fome e escravidão.

Assim, ao final do século XVI, a população indígena do litoral brasileiro já havia sido praticamente exterminada. A propagação das epidemias pelo interior foi não menos rápida, atingindo grupos hostis do sertão através de escravos fugidos ou de missionários que com eles tentavam estabelecer contato.

Doenças Parasitárias em Populações Indígenas



Por: Adauto Araújo (médico e biólogo da Fiocruz)

Há 14 anos vêm sendo desenvolvidas no Laboratório de Paleoparasitologia da Escola Nacional de Saúde Pública, FIOCRUZ, pesquisas relacionadas ao estudo de infecções parasitárias em populações pré-históricas.

O material trabalhado consiste, principalmente, de coprólitos, ou fezes, conservadas pela dessecação natural, retirados de corpos mumificados ou coletados livres em sítios de ocupação pré-histórica por instituições de arqueologia no Brasil e no exterior. Acompanha o material informações sobre o contexto cultural e ambiental, bem como datações por métodos radioquímicos. As técnicas de exame de coprólitos para pesquisa de parasitos

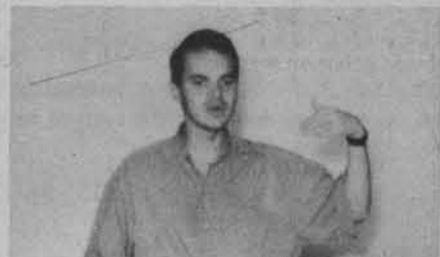
são simples e permitem a reconstituição do material, possibilitando o diagnóstico microscópico.

Assim, é possível construir um quadro de distribuição e dispersão de parasitoses em épocas pré-históricas, bem como de seus hospedeiros, e o impacto que essas doenças tiveram sobre as populações humanas.

A constatação, por exemplo, de ovos e larvas de ancilostomídeos em coprólitos humanos, coletados em Minas Gerais e Piauí, datados pelo radiocarbono de, respectivamente, 2800 anos e 7200 anos, permitiram algumas considerações sobre o povoamento da América. Como a transmissão desse parasito se faz com passagem obrigatória no solo sob temperatura e umidade adequadas, a infecção foi eliminada entre as populações humanas que seguiram o caminho de Bering, da Ásia em direção às Américas. Explica-se, portanto, a presença da parasitose, em épocas pré-colombianas, por contatos marítimos, principalmente por via transpacífica.

A Paleoparasitologia permite estudos de origem e evolução de doenças parasitárias, situando-as no espaço e no tempo, o que contribui, inclusive, para a compreensão da situação atual das endemias.

Estado Nutricional e Mudanças Sócio-Econômicas Entre Populações Indígenas na Amazônia



Por: Ricardo Ventura Santos (professor da ENSP/Fiocruz)

Os estudos sobre o estado nutricional das populações indígenas brasileiras são importantes, já que um dos impactos do processo de contato, e subseqüentes mudanças sócio-econômicas, reside justamente no abandono parcial, quando não total, das estratégias tradicionais de subsistência, o que pode vir a comprometer o balanço nutricional.

A maioria dos estudos sobre avaliação do estado nutricional de populações indígenas brasileiras baseou-se na coleta de dados antropométricos e avaliação laboratorial, notadamente mensuração dos níveis de hemoglobina. Quanto à análise antropométrica (comumente peso e altura), constitui-se na metodologia mais amplamente utilizada de avaliação do estado nutricional a nível comunitário. Deve-se mencionar ainda que tem havido o interesse por parte de antropólogos e ecólogos em realizar estudos qualitativos e quantitativos sobre a dieta dessas populações.

Apesar das diferentes metodologias empregadas, os resultados dos inquéritos antropométricos são consistentes no sentido de apontar para altas prevalências de baixa estatura para idade e baixo peso para idade em crianças. Há a manutenção, contudo, da proporcionalidade corporal, expressa pelo indicador peso segundo altura. Considerando as recomendações da Organização Mundial da Saúde, tais achados seriam indicativos de endemicidade de desnutrição energética-proteica (DEP) crônica na presença de baixos níveis de DEP do tipo aguda. As prevalências de DEP crônica para populações indígenas são superiores às mais elevadas prevalências nacionais. Os resultados apontam ainda para elevadas prevalências de anemia em diversas populações, o que provavelmente deriva da associação entre dietas carentes de ferro e parasitismo intestinal.

Estudos realizados entre os Tupi-Mondê de Rondônia e Mato Grosso, conduzidos por pesquisadores da Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz, têm ajudado a caracterizar o estado nutricional daquelas comunidades. São grupos que foram contactados nas últimas décadas e cujas estratégias de subsistência têm experimentado profundas modificações devido ao processo de colonização na região. Os resultados indicam altas prevalências de desnutrição proteico-energética crônica (55% contra 15,4% para o Brasil como um todo), assim como de anemia (60%).

Índios Tremembé de Almofala

Por: Jussara Gomes
(antropóloga do Museu do Índio)

A Área Indígena Tremembé fica na localidade de Almofala, município de Itarema, Estado do Ceará. Lá vivem, atualmente, 2.247 pessoas. São remanescentes de um dos primeiros povos indígenas do território brasileiro a ter contato com os europeus. Américo Vespúcio, acompanhando a esquadra de Vicente Pinzón, que percorreu parte do litoral do nordeste do Brasil antes de 1500, descreveu os Tremembé, em uma de suas famosas cartas, como antropófagos e muito aguerridos, o que causou grande impacto na Europa de fins do século XV. Naquela época os Tremembé habitavam grande extensão do litoral, que ia do Ceará ao Maranhão.

No início do século XVIII, com sua população já muito reduzida devido ao contato com os europeus, que os matavam, escravizavam e lhes transmitiam doenças antes desconhecidas, os Tremembé foram aldeados por missionários em Almofala, onde se construiu uma igreja. O rei de Portugal doou as terras ao aldeamento. Era uma sesmaria que media uma légua em quadra, tendo a igreja como piaó.

A língua dos Tremembé não é mais falada e caiu no esquecimento. Os lingüistas, através do estudo dos poucos vocábulos que ficaram registrados por autores antigos, dizem que se tratava de uma língua autônoma, não passível de classificação entre uma das famílias e/ou troncos lingüísticos conhecidos. O próprio nome Tremembé não é aquele pelo qual esse povo se autodenominava originalmente. Tudo indica tratar-se de uma denominação dada pelos europeus, devido ao fato de que esses índios viviam em tremedais, tremembés ou tramembés, isto é, pântanos ou terrenos alagadiços cobertos de vegetação aquática. De fato, a região de Almofala é constituída, geograficamente, de dunas (algumas fixas e muitas movediças), mangues, lagoas e grandes trechos alagados, especialmente nas margens do rio Aracati Mirim e outros

cursos d'água. Esses alagadiços são mais acentuados no período chuvoso.

As ostras, mexilhões, caranguejos, siris e lagostas, além de diversas espécies de peixes, formam a base da alimentação tradicional dos Tremembé, atualmente enriquecida por produtos agrícolas, tais como feijão, mandioca, milho, etc. Também o coco da baía e o caju (nativo da região) são largamente consumidos.

Hoje, os Tremembé falam português, vivem em casas de taipa, de palha e vestem-se como os demais habitantes não-índios das localidades vizinhas. Entretanto, conservam uma série de características culturais que os une e os identifica enquanto um grupo etnicamente diferenciado.

Na época do caju (de setembro a dezembro) eles fazem uma bebida fermentada com este fruto, muito apreciada, e chamada de **mocororó**. É o período do ano em que mais "brincam" (como dizem) o **torém**, sua dança típica, sempre acompanhada de **mocororó**.

Seu artesanato é constituído de objetos utilitários em cerâmica e em palha (de tabuba e de carnaúba), assim como de adornos de conchas, búzios, sementes, bambu e vértebras de peixes. Também tecem o algodão. No passado, confeccionavam machados de pedra em forma de âncora, utilizados nas guerras, e cachimbos de cerâmica, entre outros artefatos, que caíram em desuso em consequência do contato com os colonizadores e da gradual adoção dos novos costumes introduzidos.

Estivemos recentemente em Almofala coordenando o grupo técnico criado pelo presidente da FUNAI para identificar e delimitar a Área Tremembé, passo inicial no processo de regularização dessas terras, com 4.900 ha, e de onde terão que sair os não-índios que se apropriaram indevidamente de enormes parcelas.

A população Tremembé atual supera em muito as 2.247 pessoas acima referidas. Grande número de habitantes da área, nos últimos anos, mudou-se para outras localidades do Ceará e do Maranhão em busca de melhores condições de vida, dado às pressões sofridas.

21 Grandes Colaboradores do Museu do Índio

O Museu do Índio agradece o apoio de empresas privadas e órgãos governamentais ao projeto de revitalização da instituição. Precisamos que muitos outros amigos se juntem a nós.

- | | |
|-------------------------------|----------------------------|
| • Cardriver | • Imprensa da Cidade |
| • Comlurb | • JAP |
| • Corpo de Bombeiros | • Audivisual e Cinefoto |
| • Criar | • Jumboil Tintas |
| • Defesa Civil | • Leão Júnior (Matte Leão) |
| • Desentupidora Cacique | • Light |
| • Dowelanco | • Microservice |
| • Fábrica de Tecidos Bangu | • Mills Equipamentos |
| • Feema | • Plantur |
| • Filiperson Papéis Especiais | • Texaco |
| • Forte Copacabana | • Vale do Rio Doce |
| • Furnas Centrais Elétricas | |

Conforme determinação da Organização das Nações Unidas - ONU, o ano de 1993 será dedicado a todos os povos indígenas do mundo, chamando a atenção da comunidade internacional para estes grupos que "são os mais vulneráveis e esquecidos do planeta".

O objetivo do encontro é fortalecer a cooperação mundial para resolver os problemas que as comunidades indígenas enfrentam em relação ao meio ambiente, desenvolvimento, educação, saúde e direitos humanos.

Maiores informações: Departamento de Informação Pública/ Room S. 1040/ Nações Unidas/ New York, NY 10017/EUA.

DESTAQUE

FEEMA Descupiniza Museu do Índio

Por: Cristina Botelho

O casarão do século passado, onde está instalado, desde 1978, na Rua das Palmeiras nº 55, em Botafogo, o Museu do Índio, começa a ser descupinizado. A instituição, detentora de um dos mais importantes acervos etnográficos da América Latina, assinou, em setembro deste ano, convênio de cooperação técnica com a Fundação Estadual de Engenharia do Meio Ambiente - Feema que executa o serviço.

Fechado desde o último mês de abril, quando começaram as obras de recuperação do telhado, o Museu do Índio, através da colaboração de entidades públicas e privadas, deverá ser reaberto ao público no

início do próximo ano como parte das programações para o Ano Internacional dos Povos Indígenas.

Paralelamente, o Museu do Índio continua desenvolvendo atividades na área de publicações, microfilmagem de obras raras junto a centros de pesquisa sediados no Rio de Janeiro, organização de conferências, participação em exposições de temática indígena em outras instituições, além de manter o atendimento a pesquisadores através dos seus serviços técnicos como Documentação, Fotografia e Cinema.

Além da situação precária do prédio central, várias árvores estão corroídas pelo cupim, podendo desabar a qualquer momento. O Corpo de Bombeiros já está providenciando o corte das mais atingidas. O jardim do Museu do Índio é bastante frequentado pelo público estudantil e pela comunidade do bairro.

Divisão de Etnologia do Museu do Índio Sistematiza Acervo Parintintin

Foto: Goretti Moreira



Cesto tradicional Parintintin (AM)

Oferecer ao público informações sistematizadas a respeito dos grupos indígenas brasileiros é o objetivo do projeto "Imagens, Formas e Palavras: A Etnografia de um Acervo", desenvolvido pela Divisão de Etnologia e Lingüística do Museu do Índio. Os Parintintin, sociedade indígena escolhida para iniciar os trabalhos, habitam a região do médio Madeira (AM).

A pesquisa, em fase de levantamento das coleções de peças, documentos e fotos sobre o grupo nesta instituição e no Museu Nacional, pretende ainda, a partir da sistematização e análise dos dados obtidos, elaborar mostra e publicação sobre os Parintintin.

Museu do Índio Reedita Boletim Científico

O Boletim do Museu do Índio volta a circular com texto da lingüista Lucy Seki, da Universidade de Campinas - Unicamp, sobre os índios Botocudo do Vale do Rio Doce.

A publicação teve início em 1974. Em sua nova fase, reúne a contribuição de especialistas do Museu do Índio e de colabo-

radores externos nas áreas de Etnologia, Etno-História, Documentação, Indigenismo Museologia e Lingüística em série única.

A edição desse Boletim contou com o apoio da Filiperson Papéis Especiais e Imprensa da Cidade.

IMPRESSO